

SOBRE OS CONCEITOS DE 'REGRA E CRENÇA' PRESENTES NOS ESCRITOS TARDIOS DE WITTGENSTEIN

MATHEUS DE LIMA RUI¹; EDUARDO FERREIRA DAS NEVES FILHO²

¹ Universidade Federal de Pelotas / Filosofia – MATHEUS.LRUI@GMAIL.COM

² Universidade Federal de Pelotas – EDUARDOFNILHO@YAHOO.COM.BR

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho visa uma prévia análise dos conceitos de 'regra' e 'crença', presentes, no que é conhecido como, período tardio dos escritos de Wittgenstein. Primeiramente abordarei a relação que existe entre tais conceitos dentro da obra *Investigações Filosóficas (IF)*, e posteriormente farei uma breve exposição sobre o que encontramos sobre regra e crença no *Da Certeza (DC)*, obra resultante das últimas anotações do autor. Com essa análise, pretendo estabelecer um esboço conceitual básico, para realizar um estudo mais aprofundado da questão de 'seguir regras' no pensamento wittgensteiniano.

Ao longo da obra *Investigações Filosóficas*, encontramos um dos pontos centrais referente aos escritos tardios do autor, o reconhecimento de que o significado das expressões linguísticas é seu uso, flexível em diferentes contextos e resultando em diferentes jogos de linguagem. Seguindo essa ideia, encontramos a assunção de que a linguagem seria uma atividade guiada por regras. Sobre esse tema, existem sérias divergências entre comentadores de Wittgenstein, e também filósofos interessados no assunto. Ao longo da pesquisa, pretendemos concluir que existem evidências presentes na obra *Da Certeza*, que possibilitam afirmar que o autor não abandona, até os seus últimos escritos, a ideia de que a linguagem é uma atividade guiada por regras. Mas para isso, se faz necessário uma análise de alguns conceitos fundamentais, como o de 'regra' e 'crença', presentes nas duas obras que já destacamos. E na medida do possível, estabelecer uma relação conceitual, sobre o que o autor mantém de uma obra para outra, e o que podemos encontrar de diferenças, relevantes para o problema.

2. METODOLOGIA

Estudo e discussão de bibliografia primária, ou seja, obras constituintes dos escritos tardio do autor, como as *Investigações Filosóficas* e *Da Certeza*, bem como textos de comentadores e interpretes sobre o assunto. Junto com resenhas e fichamentos de tais obras para uma melhor compreensão do tema trabalhado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podemos identificar nas *Investigações filosóficas*, que o autor faz importantes analogias entre uma regra na linguagem, e uma regra no jogo. Encontramos momentos da obra em que Wittgenstein se dedica em demonstrar quais são as características de tais regras. Certas regras garantem a nossa confiança na regularidade das coisas, elas nos possibilitam o uso de proposições empíricas, como fica claro no exemplo dado no parágrafo 80:

“Digo: ‘ali está uma poltrona’. O que acontecerá se eu for até lá para apanhá-la, e ela de repente sumir da minha vista? – ‘Então não era uma poltrona, mas uma ilusão qualquer’. Mas em alguns segundos vejo-a novamente e posso pegá-la, etc. – ‘Então a poltrona estava mesmo lá e seu desaparecimento foi uma ilusão qualquer’ – Mas suponha que depois de algum tempo ela desapareça novamente, - ou da a impressão de que desaparece. O que dizer agora? Você dispõe de regras para tais casos, - regras que digam que se pode ainda chamar tal coisa de poltrona?” (WITTGENSTEIN, 2012)

Nesse caso, o significado da palavra ‘poltrona’ fica comprometido, pois falta a concordância da regra que possibilite o seu emprego. Quem profere uma proposição e a compreende, está operando segundo determinadas regras (WITTGENSTEIN, 2012. *IF* §80,81). Assim como o emprego da palavra não é totalmente delimitado, o aspecto de um jogo não é totalmente delimitado por regras, posso imaginar uma regra que regule o emprego das regras, e uma dúvida que remova aquela regra. Mas isso não quer dizer que duvidamos porque podemos imaginar uma dúvida. Como exemplifica o autor: “Posso imaginar muito bem que alguém, toda vez que vai abrir a porta de sua casa, duvide se atrás dela não se abriu um abismo, e que ele se certifique disso, antes de entrar pela porta - mas nem por isso duvidamos no mesmo caso” (WITTGENSTEIN, 2012. *IF* §84). A dúvida aqui tem um aspecto desnecessário, e a regra um estatuto de confiabilidade.

Notamos também, presente nas *Investigações Filosóficas*, o sentido comunitário do jogo de linguagem. Wittgenstein afirma que não é possível um único homem ter seguido uma regra uma única vez, nem uma comunicação feita, ou uma ordem ter sido dada ou entendida uma única vez. Para o autor, seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez, são hábitos (usos). “Compreender uma frase significa compreender uma língua. Compreender uma língua significa dominar uma técnica” (WITTGENSTEIN, 2012. *IF* §199).

Seguir uma regra, para o autor, é análogo a cumprir uma ordem, treina-se para isso, e reage-se a ordem de uma maneira determinada. Como então, pessoas diferentes reagem de modos distintos frente ao mesmo treinamento? Qual deles está com a razão? Para explicar esse problema, Wittgenstein utiliza exemplos para como compreendemos uma outra língua. “O modo de agir comum dos homens é o sistema de referencia por meio do qual interpretamos uma língua estrangeira” (WITTGENSTEIN, 2012. *IF* §206). Tal modo de agir comum aos homens é o sistema pelo qual interpretamos as regras, e compreendemos uma língua.

O conceito de crença presente na obra liga-se a conformidade com a experiência. Tanto a experiência individual quanto o fato de já ter ouvido diversos relatos que apontam o mesmo. Se alguém não se deixasse convencer de que, pelos acontecimentos passados, algo causal acontecerá no futuro, deve-se perguntar a ele que espécie de convicção ele espera para se fundamentar. Se isso não pode ser fundamento, então ele tem que ser capaz de indicar o que deveria ser o caso, para que pudéssemos dizer, com razão, que existem fundamentos para alguma suposição. Segundo o autor, fundamentos aqui não são proposições das quais resulta, logicamente, o que se acredita. Não se trata de uma aproximação por inferência lógica (WITTGENSTEIN, 2012. *IF* §477-81).

Na obra resultante dos últimos escritos do autor, o *Da Certeza*, encontramos a ideia do uso de regras de cálculo à proposições empíricas, e em que circunstâncias se diferem regra e exceção. É a partir de uma regra que pode-se caracterizar certas circunstâncias que são “consideradas normais” (regras), das

exceções. Mas como aponta Wittgenstein: “reconhecemos as circunstâncias normais, mas não sabemos descrevê-las com precisão” (WITTGENSTEIN, 2000. DC §27). É a prática que nos ensina a regra, seu uso também mostra o que é um erro na sua aplicação. E é desse modo que uma criança aprende a confiar nos seus sentidos e, por exemplo, no cálculo do professor; mesmo que eles, em *casos especiais*, sejam falsos. Aqui compreende-se o que o autor expressa por: regra e exceção (WITTGENSTEIN, 2000. DC § 26-9, 34).

No parágrafo 92, Wittgenstein dá um exemplo de um Rei que a partir do momento que nasceu, foi-lhe ensinado que a Terra nasceu junto com ele, supondo-se que sempre-lhe disseram isso. Nesse caso, o Rei seria educado na crença de que o mundo começou com ele, e teria boas razões para acreditar nisso. Se tentássemos convencê-lo de que a Terra existe há muito tempo, não seria tão fácil que o Rei aceitasse tal proposição, e seria uma conversão de um gênero especial, pois o rei seria levado a encarar o mundo de modo diferente (WITTGENSTEIN, 2000. DC §92). Haveria nesse caso uma alteração na imagem de mundo do Rei, uma mudança no seu ‘quadro de referência herdado’ que dificultaria o Rei de distinguir tudo o que sempre teve como verdadeiro, do falso. As proposições que descrevem uma imagem de mundo poderiam pertencer a uma espécie de mitologia, e ter seu papel semelhante às regras do jogo. E o jogo pode ser aprendido puramente pela prática, sem aprender quaisquer regras explícitas (WITTGENSTEIN, 2000. DC §95). Assim, uma proposição pode ser tratada às vezes como regra de verificação (como nossa convicção sobre a antiguidade da Terra), e outras vezes como coisa a ser verificada pela experiência (como a crença do Rei ao ser convencido da realidade da Terra). Aqui Wittgenstein aproxima proposições empíricas de proposições lógicas (WITTGENSTEIN, 2000. DC §98).

4. CONCLUSÕES

Por fim, acreditamos que existe uma estreita relação de continuidade entre tais obras, e sutis (e fundamentais) alterações adotadas pelo autor em seus últimos escritos.

No *Da Certeza*, o autor mantém a ideia presente nas *Investigações Filosóficas* de que algumas de nossas crenças pertencem a um sistema que serve como uma espécie de fundamento, e que essas crenças são um tipo de convicção herdada pela prática diária (hábito). Só que essas crenças não funcionam como um pressuposto não fundamentado, e sim, são como “vias de ação” não fundamentada. Esse sistema de crença surge no ser humano, muito antes de qualquer conhecimento, ele aparece junto com o sistema de ação. E como afirma o autor, quando começamos a acreditar em qualquer coisa, não são proposições isoladas na qual acreditamos uma a uma. É um sistema em que as conclusões e as premissas se apoiam mutuamente.

Concluindo, vemos no *Da Certeza* que Wittgenstein aproxima algumas proposições que parecem empíricas – essas que sustentam o nosso sistema de crenças, de proposições lógicas. Não por serem intrinsecamente verdadeiras, mas sim por terem uma função de regra. Para o autor, não existe também uma demarcação nítida entre regra e proposição empírica, essa demarcação é construída diariamente na prática do jogo de linguagem. E como conclui Wittgenstein, aqui estamos falando de uma espécie de proposição que não é empírica, nem pertence à psicologia, tem antes a natureza de uma regra.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

_____. **Da Certeza**. Lisboa: Edições 70, 2000.

GLOCK, H-J. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

GLUER, K. & WIKFORSS, A. **Es Braucht Die Regel Nicht: Wittgenstein on Rules and Meaning**. In: WHIGTING, D. (Ed.) **The later Wittgenstein on language**. New York: Palgrave Macmillan, 2010. Cap. 9, p. 148-166.

|

|